

TEATRO

**PÁTRIA AMADA, BRASIL!**

**Roberto Gerin**

## *Personagens*

Wescley Santos	<i>(Atleta, velocista.)</i>
Marcinho Kaufmann	<i>(Representante do Comitê)</i>
Shirley	<i>(Diarista)</i>
Horácio	<i>(Jornaleiro)</i>

*(Garagem mal iluminada. Pódio olímpico e, um pouco mais atrás, uma corda esticada onde estão penduradas, além de duas bandeiras americanas que representam o país dos atletas que supostamente ganharão prata e bronze, roupas recém-lavadas. Há ainda um velho aparelho de som, uma cadeira e, no chão, jogados e espalhados, jornais mal folheados. E alguns objetos não definidos.)*

## **ATO I**

### **CENA I**

**WESCLEY** *(Entra trazendo uma bandeira do Brasil. Depara-se com o varal cheio de roupas. O lugar ao meio, onde ele pretendia pendurar a bandeira do Brasil, está ocupado por peças de roupas, num amontoado confuso.)* Puta que pariu! Quantas vezes eu já falei pra teimosa da Shirley. Isso não é um varal! *(Volta-se.)* Shirley! *(Saindo.)* Shirley! *(Silêncio. Fora.)*

Shirley...! *(Volta e, decidido e irritado, põe-se a recolher as roupas do varal, enquanto resmunga. Deixa apenas as bandeiras americanas.)* Aposto que foi na padaria. Nunca vi fazer tanta coisa nessa padaria! *(Sai com as roupas e logo volta, de mãos vazias. Pendura a bandeira do Brasil no varal, confere, com insistência, se a pendurou simetricamente no lugar correto, ao centro. Está agitado, incomodado com a intromissão da Shirley. Prepara-se para subir no pódio. Sobe na plataforma do ouro. Inseguro e apreensivo, posiciona-se no centro, os pés juntos. Braços caídos e tensos ao longo do corpo. Começa a cantar o hino.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, / De um povo heroico... / De um povo heroico... *(Impaciente, posiciona a mão direita no peito e recomeça.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, / De um povo heroico... / De um povo heroico... *(Para. O descontrole aumenta. Recomeça, agora levando a mão esquerda ao peito.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, / De um povo heroico... *(Desce, rápido e furtivo, para a plataforma da prata.)* o brado retumbante, / E o sol da *(Sobe para plataforma do ouro.)* liberdade em raios fúl... fuúl... *(Desce para a plataforma da prata.)* ...gidos, / Brilhou no céu da pátria neste instante. / *(Sobe para a plataforma do ouro.)* Seu penhoor... *(Desce para a plataforma da prata e canta a plenos pulmões.)* dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte! / *(Sobe para a plataforma do ouro. Empolgado.)* O pátria amada... Ó pátria amada... Droga! *(Pula do pódio, irritado.)* Droga, droga! O que é que está acontecendo com você, Wesley Santos? Que merda é essa? *(Acalma-se. Conversando consigo, carinhoso, posiciona-se junto à plataforma do ouro.)* Vamos de novo. Lembre-se. Não podemos desistir. *(Sobe na plataforma do ouro. Enquanto se posiciona, tenta se acalmar, dando-se orientações.)* É só imaginar que você acabou de ganhar a medalha de ouro. Ouro inédito! *(Bate com um dos pés no pódio.)* Agora você está no pódio. *(Bate a mão no peito.)* Medalha no peito. Estádio cheio, as câmeras, flashes, o Brasil na frente da tevê... Os *shoppings*, as tevês das lojas, tudo apinhado de gente pra te ver cantar o hino. O que é que você tem que fazer? Cantar o mesmo hino que você canta desde criancinha, na fila do colégio! *(Pausa. Preparando-se para*

*recomeçar.) O que é que o doutor Kaufmann diz? (Imitando.) Você é o nosso sabiá verde-amarelo, campeão! (Brabo.) Então, porra, qual o problema? (Acalma-se, voz carinhosa.) Vamos lá? (Vai até o aparelho de som, tem dificuldade de iniciar a melodia do hino nacional. Não funciona, desiste, volta à posição do ouro. Sério.) Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico... (Irrita-se.) Merda! (Pula para o chão e dispara a cantar.) o brado retumbante, / E o sol da liberdade em raios fúlgidos, / Brilhou no céu da pátria nesse instante. / Seu penhor Aí, cara! dessa igualdade, conseguimos conquistar com braço forte, / — no embalo, Wescley! — (Pula para a plataforma do ouro.) / Em teu seio, ó liberdade... (Mais forte.) Ó liberdade... Vamos lá, sabiá verde-amarelo! (Estapeia-se no peito.) Ó liberdade... (Para. Olha em volta, como se procurasse algo.) O buquê de flores... (Desce.) Cadê o buquê? (Enquanto procura.) Não vai me dizer que a intrometida da Shirley mexeu de novo no meu buquê! Eu já disse pra não entrar na garagem. Esse lugar é meu, só meu! (Encontra finalmente um pequeno balde vermelho, de plástico. Volta para a plataforma do ouro. Perde tempo ajeitando o balde, de lado, junto ao peito, ao estilo dos vencedores olímpicos. Respira fundo, olha para o alto e para o nada, como se contemplasse o público presente no estádio. Depois desce e vai ligar o som. Não funciona, irrita-se, chuta o aparelho, volta para a mesma posição, o balde posicionado à altura da barriga.) Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, / de um povo heroico... (Vacila, desce imediatamente para a plataforma da prata.) brado retumbante! / (Sobe para a plataforma do ouro.) E o sol da liberdade em raios fuúl... (Desce para a plataforma da prata.) ...gidos! / (Relaxado, põe-se a cantar na plataforma da prata.) / Brilhou no céu da pátria nesse instante. / Se o penhor dessa igualdade / Conseguimos conquistar com braço forte / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia o nosso peito a própria morte! / (Sorri, feliz.) Ó Pátria Amada, idolatrada, Salve! Salve!*

**CENA II**

HORÁCIO *(Sem entrar, atira o jornal. Sotaque português.)* Notícia fresca, sabiá de altíssimo rendimento. Pega aí o jornal. Tu saiu na foto parecendo um chipanzé!

WESCLEY *(Sai, apressado.)* Vem cá. Espera! Eu preciso falar com você!

HORÁCIO Eu tenho mais o que fazer, sabiá amarelão.

WESCLEY *(Entra. Resmunga, enquanto, visivelmente nervoso, procura a notícia no jornal.)* Jornaleiro português filho da puta...

**CENA III**

*(Instante seguinte. Wescley depara-se com sua foto no jornal. Desconcerta-se.)*

MARCINHO Campeão... *(Entra. Wescley olha para ele, desprotegido e assustado, o jornal nas mãos.)* Que cara é essa, campeão?

WESCLEY *(Apontando o jornal.)* O que é que eu estou fazendo aqui?

MARCINHO Vai dizer que não gostou da foto.

WESCLEY Eu saí de boca aberta!

MARCINHO Qual é o problema?

WESCLEY Eu estou parecendo um idiota.

MARCINHO *(Fingindo consultar o jornal. Conclusivo.)* Está ótima.

WESCLEY *(Desespera-se.)* Com essa cara de chipanzé!

- MARCINHO      Você está comendo e rindo, só isso. O pedaço do sanduíche está saindo da boca? E daí? Quer pose mais natural que essa?
- WESCLEY        Quem mandou essa porra pro jornal?
- MARCINHO      (*Ofendido.*) A reportagem é sobre o Comitê Olímpico Brasileiro.
- WESCLEY        Então, o que é que eu estou fazendo aqui?
- MARCINHO      Você é nossa principal estatística.
- WESCLEY        O principal idiota, o senhor quer dizer.
- MARCINHO      (*Tentando temporizar.*) Todo mundo come de boca aberta.
- WESCLEY        Eu não!
- MARCINHO      (*Pega o jornal, observa a foto. Tom paternal.*) Campeão... Olha que foto expressiva! O homem Wescley, faminto, desprotegido. Pra foto ficar perfeita, só precisava faltar um dente.
- WESCLEY        Eu não tenho cara de pobre!
- MARCINHO      Onde você nasceu?
- WESCLEY        Eu assistia ao programa da Xuxa, eu sempre tive um bom par de tênis. Eu comia iogurte!
- MARCINHO      Você nasceu numa favela.
- WESCLEY        Isso não interessa!
- MARCINHO      Interessa. (*Enfatizando a palavra "só".*) Só interessa, campeão. Agora que você vai ganhar o ouro, tudo sobre você vai virar manchete.
- WESCLEY        (*Descontrolado.*) Por que atleta tem que ser um fodido na vida?
- MARCINHO      Por que é bonito. Comove. Você é um genuíno representante do povo brasileiro!

- WESCLEY      Eu não represento porra nenhuma! Muito menos o povo brasileiro!
- MARCINHO    Campeão, que a imprensa não ouça o que você está dizendo.
- WESCLEY      Como, durmo, mijo como todo mundo. O que é que eu represento?
- MARCINHO    Vai me dizer que você não gosta da fama?
- WESCLEY      Dessa fama? Muito obrigado.
- MARCINHO    Gostando ou não, você vai ter que abrir o livro da sua vida pra imprensa. O povo vai querer saber tudo sobre você. Quem é esse Wesley Santos? *(Passa o dedo no olho do Wesley. Censura.)* Está seco, campeão.
- WESCLEY      Eu ainda não comecei o treino.
- MARCINHO    Eu ouvi você cantar o hino quando eu estava chegando.
- WESCLEY      Era só aquecimento.
- MARCINHO    Aquilo era aquecimento? Você quase me fez chorar na rua! *(Sério, com ar preocupado. Desconfiado.)* Campeão, você não está conseguindo chorar...?
- WESCLEY      *(Esquiva-se.)* Lógico que eu estou chorando. *(Com ênfase.)* Até demais!
- MARCINHO    Não existe hino nacional sem choro.
- WESCLEY      *(Descontrola-se.)* Como é que eu vou chorar depois de ver uma foto dessa? Vocês tinham que ter falado comigo antes. Eu é que sou o Wesley Santos.
- MARCINHO    Você é aquele que vai ganhar a medalha de ouro daqui um mês. É por isso que você está aqui, treinando o hino nacional, cinco horas por dia. *(Carinhoso.)* Relaxe, meu rapaz, esquece o Wesley Santos. *(Brandindo o jornal.)* Esta é a sua imagem. Você está parecendo um idiota? É com o povão que você se parece. E o povão come de boca aberta. *(Ar vitorioso.)* Me esquece, eu não sou nada. Eu sou apenas o Comitê. Você não. Você entrou nos bares, nas casas, você

está nas ruas! Essa é a propedêutica sócio-imagética! A propedêutica do marketing! A imagem construindo o seu objeto. (*Empolga-se.*) Entende por que você tem que aparecer nos jornais de boca aberta? Pra gerar espanto e dúvida. (*Apressa-se.*) Calma. Eu explico a teoria. (*Pigarreia.*) Espanto, porque o povo percebe que você é igual a ele. (*Eufórico.*) O povo come de boca aberta, (*Brande o jornal.*) você come de boca aberta. Sacou a sacada? (*Pausa, relaxa, agora em tom enigmático.*) Mas tem o outro lado da propedêutica sócio-imagética. Você também gera dúvidas. Sabe por quê? Por que quando você come de boca aberta, o povo passa a duvidar de você, porque quando você come de boca aberta, eles percebem que você é igual a eles! (*Aproxima-se de Wesley, em tom enigmático.*) Eles, o povo, não acreditam em si mesmos. Se você é igual a eles, como é que eles vão acreditar em você? Entendeu o lado obscuro da propedêutica? Entendeu a complexidade do complexo social? Agora eu pergunto. Quem é que vai resolver essa confusão toda? Quem é que vai jogar luz sobre a propedêutica? (*Solene.*) A estatística, campeão! A estatística! É ela que irá pras ruas fazer a pergunta. E a pergunta é: por ser igual a nós, será que (*Aponta Wesley.*) ele vai mesmo ganhar o ouro? (*Empolga-se.*) A resposta quem vai dar é você, daqui um mês, medalha de ouro no peito, cantando o hino e chorando, chorando feito um bebê! Um bebê brasileiro, campeão! (*Em tom lento e profético, beirando à ironia.*) Então, não haverá mais a dúvida. Haverá só o espanto. O povo olhará para si e dirá. Mesmo comendo de boca aberta, nós podemos, sim, vencer! (*Apoteótico, fora de si, sobe na plataforma do ouro.*) Qual é a medalha, campeão? (*Wesley não entende, fica parado.*) Campeão, qual é a medalha?

WESCLEY      Ouro!

MARCINHO    (*Sempre em tom profético.*) Mais alto!

WESCLEY      (*Contagia-se.*) Ouro!

MARCINHO    Isso! E o que é que você tem que fazer pra ganhar o ouro?

WESCLEY      Treinar, doutor Kaufmann!



- MARCINHO Mais forte!
- WESCLEY Treinar muito, doutor Kaufmann!
- MARCINHO Treinar o que, campeão?
- WESCLEY O hino nacional!
- MARCINHO Não entendi.
- WESCLEY O hino, doutor Kaufmann.
- MARCINHO E como é que se treina o hino?
- WESCLEY Cantando.
- MARCINHO Porra, eu sei que você treina o hino cantando! Mas o que é que você faz enquanto canta?
- WESCLEY Eu choro, doutor Kaufmann.
- MARCINHO Pouco ou muito?
- WESCLEY Muito!
- MARCINHO Olhando pra onde?
- WESCLEY Pras câmeras!
- MARCINHO E quem é que vai estar olhando para você através das câmeras?
- WESCLEY Minha avó, doutor Kaufmann.
- MARCINHO Que porra de ‘vó o quê! É o Brasil, campeão. Repete.
- WESCLEY O Brasil, campeão!
- MARCINHO (*Irritado.*) O campeão é você, campeão! Você tem que falar só “o Brasil!”.
- WESLCEY (*Inseguro.*) Só o Brasil, doutor Kaufmann!
- MARCINHO (*Insatisfeito.*) Eu não estou sentindo firmeza. Quero mais patriotismo! (*Ele próprio, em tom mais firme.*) A pergunta é.

Quem é que vai estar diante das câmeras vendo nosso campeão chorar?

WESCLEY Todos os brasileiros, doutor Kaufmann, ricos e pobres, com dente ou sem dente!

MARCINHO *(Descendo da plataforma do ouro.)* Perfeitíssimo, campeão! *(Apontando a plataforma do ouro.)* Agora é a sua vez, sabiá verde-amarelo. O pódio é todo seu. *(Ante a ordem de Marcinho, Wescley, inseguro, afasta-se, fazendo alguns trejeitos com a boca e a voz. Está nervoso.)* Onde é que você está indo?

WESCLEY Eu já vou subir, doutor Kaufmann, já vou subir... Só um minutinho, por favor. Preciso de aquecimento... *(Volta, começa a caminhar em volta do pódio, enquanto cantarola um lá-lá-lá, parodiando a melodia da Garota de Ipanema.)*

MARCINHO *(Acompanhando o ritmo.)* É isso aí, campeão, nada mal! Busque as suas origens. A psicologia nacional diz que a alma brasileira é o arquétipo do pau-brasil. *(Profético.)* Nós nascemos pau-brasil! Mas eu pergunto. Cadê o pau-brasil? Você já viu um pau-brasil? Eu nunca vi. Será que nossa alma é invisível, campeão? *(Pausa. Apressa-se.)* Mas tem um lado da nossa alma que é visível. Dominante! O choro! Nossa alma é chorona, campeão. Choramos nos bares, nos corredores. Às vezes, nas ruas! É no choro que encontramos força pra comer sardinha sem precisar comer camarão, beber pinga sem precisar tomar uísque, passear no Piscinão de Ramos sem precisar ir a Paris! *(Profético e profundamente comovido.)* Faça o povo chorar, e eles vão beber pinga sem achar que podiam estar tomando uísque. Essa é a propedêutica da alma invisível. Entende agora por que você precisa chorar?

WESCLEY *(Entre ansioso e nervoso, confunde-se.)* Mas pra chorar, Doutor Kaufmann, eu preciso primeiro cantar o hino.

MARCINHO E o que é que você está esperando? Já devia ter começado. Não temos tempo a perder. Pela estatística pseudo-probabilística do Comitê, comparando seus últimos vinte e cinco desempenhos com os últimos vinte e cinco desempenhos dos seus concorrentes, suas chances de ganhar

o ouro são de 96 ponto 301 por cento! A medalha está ganha, campeão! Agora é treinar o hino! *(Para. Acalma-se. Em tom sério.)* Vamos lá, chega de conversa. De conversa o mundo está abarrotado.

WESCLEY *(Conformado, posiciona-se no ouro, tenta relaxar, enquanto Marcinho Kaufmann se afasta e se põe a manusear o celular, como que a navegar na internet. Em função do péssimo sinal, de vez em quando ele soca o ar com o aparelho. Inseguro, Wesley começa a cantar o hino nacional.)* Ouviram do Ipiranga as margens *(Pequena pausa.)* plá... plácidas... *(Aborrecido e manhoso.)* Sem a musiquinha não dá. *(Pula do pódio e chuta o aparelho de som.)* Olha o que o Comitê me comprou. Essa porcaria não funciona!

MARCINHO *(Enquanto anda pela sala à procura de sinal do celular.)* Vamos lá, campeão, sem ressentimentos. Eu vou te ajudar. Sobe! *(Enquanto Wesley volta ao pódio do ouro, ele cantarola os acordes iniciais do hino nacional. Emotivo.)* Agora!

WESCLEY *(Vai no embalo.)* Ouviram do Ipiranga as margens plácidas... *(Marcinho continua a manusear o celular, de costas para Wesley.)* De um povo heroico... *(Percebe que vai vacilar, toca, com o pé direito, a plataforma da prata.)* o brado retumbante / *(Reanima-se.)* E o sol da liberdade, em raios fiú... *(De novo toca com o pé direito a plataforma da prata.)* ...gidos, / Brilhou no céu da pátria nesse instante... *(Percebe que vai vacilar, desce, agora definitivamente, para a plataforma da prata.)* Se o penhor dessa igualdade / *(Vibrante, a plenos pulmões.)* Conseguimos conquistar com braço forte, / Em teu seio, ó liberdade, / Desafia nosso peito a própria morte! /

MARCINHO *(Sempre de costas, ao celular, emocionado.)* Magnífico, campeão!

WESCLEY *(Percebendo que Marcinho vai se voltar para ele, o que acaba não acontecendo, coloca um pé na plataforma do ouro, pronto para mudar de plataforma.)* Ó Pátria amada, / Idolatrada, Salve! Salve! *(Vendo que Marcinho continua, agora mais do que nunca, preso aos comandos do celular,*

*volta-se totalmente para a plataforma da prata.)* Brasil, um sonho intenso, um raio vívido, / De amor e de esperança à terra desce, / *(Coloca a mão no peito, sempre vigiando Marcinho. Entrega-se ao hino. Marcinho vai percorrendo a garagem em busca de sinal, caminha em direção à porta, depois saindo para a rua. Está comovido, à beira do choro. Furtivamente, limpa uma lágrima. Enquanto isso, Wescley, vibrante e patriótico, vai cantando o hino nacional, na plataforma da prata.)* Se em teu formoso céu, risonho e límpido, / A imagem do cruzeiro resplandece. / Gigante pela própria natureza, / És belo, és forte, impávido colosso, *(Percebendo que Marcinho se foi, diminui o tom.)* / E o teu futuro espelha essa grandeza. / Terra adorada / Entre outras mil / És tu Brasil, / Ó pátria amada!... *(Desolado, desce e senta na plataforma da prata.)*

#### CENA IV

*(Um outro dia, sala da casa de Wescley, ampla e austera.)*

- SHIRLEY *(Entra, trazendo uma pilha de roupas dobradas)* Roupa limpinha pro meu campeão vestir depois do banho.
- WESCLEY Shirley, já pedi pra você parar de me chamar de campeão. Me irrita!
- SHIRLEY Mas o senhor é o campeão.
- WESCLEY Campeão que não canta o hino? Isso não existe. Impossível!
- SHIRLEY Na hora, o senhor vai cantar.
- WESCLEY *(Irônico.)* Falou a vidente. O que mais vai me acontecer no futuro?
- SHIRLEY *(Vaticina.)* O senhor ainda vai cantar o hino pro presidente da república.

- WESCLEY Vira essa boca pra lá.
- SHIRLEY Chefinho, o senhor é a pessoa mais importante que eu conheci. E a única coisa que eu quero é que o senhor continue importante. Pras minhas amigas morrerem de inveja quando eu falar do senhor pra elas. E o senhor vai ganhar a medalha de ouro, pra ficar mais importante ainda. Aí é que eu vou poder ver aquelas sirigaitas abanarem o rabo pra mim!
- WESCLEY *(Indica a porta do quarto.)* Passa, Shirley. Vai lá guardar a roupa.
- SHIRLEY *(Saindo, volta-se e olha para Wesley.)* Chefinho... e o treino hoje? *(Ansiosa.)* Como é que foi?
- WESCLEY Nada, Shirley.
- SHIRLEY Mas que coisa mais engraçada. Como é que o senhor não consegue cantar o hino?
- WESCLEY Pra você ver. Todo mundo canta, menos eu. E justamente quem mais precisa cantar.
- SHIRLEY *(Convicta.)* Fizeram alguma macumba. Acenderam vela preta.
- WESCLEY *(Irrita-se com a aparente leviandade de Shirley.)* Isso não é brincadeira.
- SHIRLEY E quem disse que eu estou brincando?
- WESCLEY Tudo é muito simples pra você.
- SHIRLEY E não é?
- WESCLEY *(Contendo a irritação.)* Shirley, eu não consigo cantar o hino. Tem uma coisa aqui *(Apalpa a garganta.)* prendendo a minha garganta. E eu não sei o que é! Subo no pódio, a voz não sai.
- SHIRLEY Canta na prata.
- WESCLEY Cantar na prata, Shirley!

- SHIRLEY A gente faz as coisas onde se sente bem.
- WESCLEY Eu vou ganhar o ouro.
- SHIRLEY Então canta no ouro.
- WESCLEY E o que você acha que eu estou tentando fazer?
- SHIRLEY *(Afirmativa.)* O senhor precisa de ajuda.
- WESCLEY *(Irônico.)* Poxa, é bom saber disso.
- SHIRLEY *(Decidida.)* Eu vou ajudar o senhor.
- WESCLEY *(Incrédulo, com certo desdém.)* Você!?
- SHIRLEY *(Ofendida.)* Eu, a Shirley! Por quê? Não posso?
- WESCLEY Você já me ajudou. E não foi pouco não.
- SHIRLEY *(Espantada.)* O que foi que eu fiz?
- WESCLEY Você está aí, parada, em pé, me ouvindo. Isso é ajudar.
- SHIRLEY *(Admirada, achando absurdo que aquilo pudesse ser uma ajuda.)* Isso?!
- WESCLEY Ficar ouvindo, *(Intencionalmente irônico.)* calada!, alguém contar um problema, desabafar, isso é uma forma de ajudar.
- SHIRLEY Ajudar pra mim é outra coisa. É ir lá e resolver o problema. Se minha amiga chegar pra mim e disser que não tem dinheiro e eu só ouvir, isso não resolve o problema. Ou dou o dinheiro pra ela ou nada feito.
- WESCLEY De qualquer forma, eu agradeço a intenção.
- SHIRLEY *(Exalta-se.)* Em vez de me agradecer, vai lá e canta o hino. Aí eu vou poder chamar o senhor de campeão!
- WESCLEY Quem disse que eu quero ser campeão? Sabe o que eu vou fazer na hora da largada? Vou arranjar uma contusão. Isso! Caio, perco o ouro, não preciso cantar o hino, resolvo o problema.

- SHIRLEY           Aí vão chamar o senhor de amarelão.
- WESCLEY           (*Agressivo.*) Eu não pedi a sua opinião!
- SHIRLEY           Mas é o que vai acontecer.
- WESCLEY           Eu estou pouco me lixando. Podem falar o que quiserem, não preciso de ninguém. Eu sei me virar sozinho. (*Pausa. Sentindo-se desamparado, abrandando o tom de voz.*) Ninguém pode me ajudar. Nem você.
- SHIRLEY           Minha patroa. Ela pode.
- WESCLEY           (*Descontrola-se.*) Shirley, o que foi que você me prometeu?
- SHIRLEY           Não contar o problema do senhor pra ninguém.
- WESCLEY           Muito menos praquela sua patroa.
- SHIRLEY           E quem disse que eu vou contar.
- WESCLEY           Como é que ela vai me ajudar?
- SHIRLEY           Eu invento uma história.
- WESCLEY           Ficou maluca.
- SHIRLEY           O senhor não conhece a doutora Vânia. Ela é muito inteligente.
- WESCLEY           Ela é doida!
- SHIRLEY           A doutora Vânia não é doida. Ela só tem um problema na cabeça.
- WESCLEY           E isso é o quê?
- SHIRLEY           O senhor também tem um problema na cabeça.
- WESCLEY           (*Reage.*) Eu não sou doido!
- SHIRLEY           (*Sem perder a compostura.*) Eu não disse que o senhor é doido.

- WESCLEY        Aposto que pra ela você diz que eu sou.
- SHIRLEY        *(Ofendida.)* Nunca! Juro por Deus Nossa Senhora do Perpétuo Arrependimento que eu nunca, juro pelos meus cinco dedos da mão esquerda, pelos cinco dedos da mão direita, que Deus leve meus dedos pros anjos do céu, até pros capetas do inferno, eu nunca disse pra doutora Vânia que o senhor é doido.
- WESCLEY        Então por que você vive dizendo pra mim que ela é doida?
- SHIRLEY        *(Joga a roupa em cima da mesa. Abalada, mostra as mãos.)* Corta aqui meus dedos! Corta! Corta aqui meus dedos se alguma vez eu disse pro senhor que a doutora Vânia é doida. A doutora Vânia não é doida. Ela só tem uma fraqueza no corpo.
- WESCLEY        *(Espantado e irônico.)* Não é mais na cabeça não?
- SHIRLEY        Começa na cabeça, mas depois desce pro corpo. *(Olha para os lados e se reveste de fofoqueira.)* Ela faz aquilo é com o corpo, chefinho, não é com a cabeça.
- WESCLEY        *(Desconfiado.)* Aquilo o que, Shirley...?
- SHIRLEY        Sexo! Ela só consegue fazer sexo em pé.
- WESCLEY        Era só o que me faltava!
- SHIRLEY        O sonho dela é fazer sexo deitada.
- WESLCEY        *(Ironizando.)* De fato, fazer sexo deitado é muito difícil.
- SHIRLEY        *(Ofendida.)* O senhor acha que eu estou inventando? Ela até vai no tal de psicólogo. *(Aproxima-se.)* Quando o patrão deita a patroa, *(Aparte, explicativa.)* que é a doutora Vânia, quando ele deita ela pra... *(Maliciosa.)* o senhor sabe..., ela começa a gritar. E começa a sair uma baba no canto da boca.
- WESCLEY        *(Afasta-se, como se tivesse visto um fantasma.)* Agora fodeu de vez...
- SHIRLEY        *(Aproxima-se de Wesley, que foge.)* Mas ontem ela conseguiu fazer sentada. Na cadeira. O patrão veio e... *(Faz*



*um gesto engraçado com as mãos, imitando a penetração.)*  
vapt!

- WESCLEY *(Sempre irônico.)* Ela babou.
- SHIRLEY Só arranhou.
- WESCLEY *(Impressionado, afasta-se.)* Ela arranha também?
- SHIRLEY Nas costas.
- WESCLEY Do patrão?
- SHIRLEY Claro! De quem mais podia ser. *(Defendendo a patroa.)* Mas ontem até que foi pouco, em vista do que ela fazia.
- WESCLEY E o patrão?
- SHIRLEY Eu passo iodo nele. *(Defendendo-se.)* Mas só nos arranhões.
- WESCLEY A patroa não fala nada... não?
- SHIRLEY Ela fica nervosa, coitadinha. Então, eu digo. É melhor não ver o que a senhora fez, deixa que eu cuido do patrãozinho. Vai lá descansar.
- WESCLEY *(Irônico.)* E ela vai lá descansar.
- SHIRLEY Viu como melhorou? Já está fazendo sentada. E baba só um pouco, nem dá pra ver.
- WESCLEY Como é que você sabe que não dá pra ver?
- SHIRLEY *(Censurando.)* Che-fii-nho, o senhor está muito curioso. Já contei demais. E eu só contei pra mostrar pro senhor que a patroa está melhorando. *(Sonhadora.)* Logo ela vai conseguir fazer o papai e mamãe, como ela sempre quis. *(Benze-se.)* Deus é pai, ela vai conseguir. *(Séria.)* E o senhor também.
- WESCLEY *(Assustado.)* Eu também o que, Shirley...?
- SHIRLEY Chefinho, Deus é pai, o senhor vai conseguir cantar o hino!
- WESCLEY *(Nervoso.)* Shirley, você não vai sair por aí contando o que

você sabe sobre mim...

SHIRLEY *(Ofendida.)* O senhor acha que eu tenho cara de fofoqueira?

WESCLEY *(Angustiado com a possibilidade de a Shirley vir a dar com a língua nos dentes.)* Você sabe o que vai acontecer se sair nos jornais que eu não consigo cantar o hino? Não vão me deixar ir pras Olimpíadas!

SHIRLEY Pelo amor de Deus, isso nunca!

WESCLEY É o que vai acontecer se você não fechar a boca.

SHIRLEY Como é que eu vou ajudar o senhor de boca fechada?

WESCLEY *(Transtornado.)* Eu não quero a sua ajuda! Pelo amor de Deus, bota isso na sua cabeça, não quero a sua ajuda! *(Pausa. Agitado, mas em tom calmo.)* Dá pra você levar a roupa pro meu quarto. Eu preciso tomar banho.

SHIRLEY Eu não quero me gabar não, mas se eu fosse o senhor eu pedia a minha ajuda.

WESCLEY *(Apontando a saída, quase agressivo.)* Minha roupa, Shirley!

SHIRLEY *(Saindo, levando a roupa.)* O senhor vai vestir a camisa amarela. Vou deixar ela separada, em cima da cama. *(Para. Observa-o. Está cismada.)* Que foi, chefinho, que cara é essa? Eu não vou passar iodo não senhor não. *(Deixa transparecer uma certa mágoa.)* Se é nisso que o senhor está pensando. *(Sai.)*

WESCLEY *(Nervoso.)* Puta que pariu! Onde fui amarrar a minha égua. Numa doida! *(Sai para o quarto, atrás de Shirley.)*

*(Peça em um Ato, em que foram disponibilizadas 18 das 74 páginas.)*